

**Sonnets from the Portuguese - Selection
Elizabeth Barrett Browning**

1

I THOUGHT once how Theocritus had
sung
Of the sweet years, the dear and wishedfor
years,
Who each one in a gracious hand appears
To bear a gift for mortals, old or young:
And, as I mused it in his antique tongue,
I saw, in gradual vision through my tears,
The sweet, sad years, the melancholy years,
Those of my own life, who by turns had flung
A shadow across me. Straightway I was 'ware,
So weeping, how a mystic Shape did move
Behind me, and drew me backward by the hair;
And a voice said in mastery, while I strove,
"Guess now who holds thee?"—"Death," I said.
But, there, the silver answer rang,— "Not Death, but
Love."

3

Unlike are we, unlike, O princely Heart!
Unlike our uses and our destinies.
Our ministering two angels look surprise
On one another, as they strike athwart
Their wings in passing. Thou, bethink thee, art
A guest for queens to social pageantries,
With gages from a hundred brighter eyes
Than tears even can make mine, to play thy part
Of chief musician. What hast thou to do
With looking from the lattice-lights at me,
A poor, tired, wandering singer, singing through
The dark, and leaning up a cypress tree?
The chrism is on thine head—on mine, the dew—
And Death must dig the level where these agree.

4

Thou hast thy calling to some palace-floor,
Most gracious singer of high poems! where
The dancers will break footing, from the care
Of watching up thy pregnant lips for more.
And dost thou lift this house's latch too poor
For hand of thine? and canst thou think and bear
To let thy music drop here unaware
In folds of golden fulness at my door?
Look up and see the casement broken in,
The bats and owlets builders in the roof!
My cricket chirps against thy mandolin.
Hush, call no echo up in further proof
Of desolation! there's a voice within
That weeps ... as thou must sing ... alone, aloof.

(do livro: **Sonetos da portuguesa.**
autora: **Elizabeth Barrett Browning.**
tradução: **Leonardo Fróes.** editora: **Rocco.**)

1

Já pensei em Teócrito a cantar
Os anos doces, desejados, bons,
Que com mãos graciosas tantos dons
A todos os mortais parecem dar.
Eu, em sua língua antiga cismando,
Por entre lágrimas aos poucos via
Os anos doces de melancolia
Que em minha vida triste iam lançando
Uma sombra por cima. E então notava
Que uma mística forma se movia
Por trás; pelo cabelo me puxava,
Impondo-me na voz supremacia.
"É a Morte que me agarra?" eu perguntava.
"É Amor", a voz de prata me dizia.

3

Desiguais somos, coração de infante!
Desiguais nos costumes, nos destinos.
Nossos anjos da guarda peregrinos
Estranham-se ao passar como se avante
Suas asas se chocassem. És, e o sabes,
Um refém de rainhas em sociais
Torneios, onde os olhos brilham mais
Que os meus em pranto, e o papel que te cabe
É reger a orquestra. Então, por que ali
Da luz dos janelões lançar um olhar
A um cantor que, um cipreste contra si,
Cansa e nas trevas canta sem parar?
Em mim, o orvalho do ar — o crisma em ti.
Lugar de encontro a Morte há de cavar.

4

A um palácio te chama a vocação,
Grácil cantor de alta poesia! Onde
Quem dança às vezes nem se corresponde,
Tanto nos lábios teus põe a atenção.
Virás abrir o trinco desta casa
Tão pobre a ti? Suportarás que a tua
Música à minha porta se destrua
Sem audição no ouro em que se vaza?
Tudo aqui, tão quebrado, é tão ruim,
Há morcegos, corujas no telhado!
Meu grilo arranha ante teu bandolim.
Silêncio! Não quero eco ao meu estado
De desolação. Há uma voz em mim
Que, enquanto cantas, chora ao descampado.

8

What can I give thee back, O liberal
 And princely giver, who hast brought the gold
 And purple of thine heart, unstained, untold,
 And laid them on the outside of the wall
 For such as I to take or leave withal,
 In unexpected largesse? am I cold,
 Ungrateful, that for these most manifold
 High gifts, I render nothing back at all?
 Not so; not cold—but very poor instead.
 Ask God who knows. For frequent tears have run
 The colours from my life, and left so dead
 And pale a stuff, it were not fitly done
 To give the same as pillow to thy head.
 Go farther! let it serve to trample on.

10

Yet, love, mere love, is beautiful indeed
 And worthy of acceptation. Fire is bright,
 Let temple burn, or flax; an equal light
 Leaps in the flame from cedar-plank or weed:
 And love is fire. And when I say at need
 I love thee ... mark! ... I love thee—in thy sight
 I stand transfigured, glorified aright,
 With conscience of the new rays that proceed
 Out of my face toward thine. There's nothing low
 In love, when love the lowest: meanest creatures
 Who love God, God accepts while loving so.
 And what I feel, across the inferior features
 Of what I am, doth flash itself, and show
 How that great work of Love enhances Nature's.

16

And yet, because thou overcomest so,
 Because thou art more noble and like a king,
 Thou canst prevail against my fears and fling
 Thy purple round me, till my heart shall grow
 Too close against thine heart henceforth to know
 How it shook when alone. Why, conquering
 May prove as lordly and complete a thing
 In lifting upward, as in crushing low!
 And as a vanquished soldier yields his sword
 To one who lifts him from the bloody earth,
 Even so, Belovéd, I at last record,
 Here ends my strife. If thou invite me forth,
 I rise above abasement at the word.
 Make thy love larger to enlarge my worth!

37

Pardon, oh, pardon, that my soul should make
 Of all that strong divineness which I know
 For thine and thee, an image only so
 Formed of the sand, and fit to shift and break.
 It is that distant years which did not take

8

Por minha vez, que posso dar-te, ó puro
 E nobre doador que a honra e o ouro
 De um coração trouxeste sem desdouro,
 Depondo-os fora, lá ao pé do muro,
 Para alguém como eu pegar ou não
 Tão súbita largueza? Serei fria,
 Ingrata, que não dê a esta honraria,
 À grande oferta, retribuição?
 Fria, de fato, não — mas desvalida,
 Como Deus sabe. As lágrimas frequentes
 Lavaram toda a cor de minha vida.
 Restou um estofado morto que não sente
 Onde à tua cabeça dar guarida.
 Deixa-o para pisar e segue em frente!

10

Porém o amor, o puro amor, é lindo,
 Merece aceitação. O fogo ardente
 Queima tudo que encontra pela frente,
 A mesma luz ao longe transmitindo.
 O amor é fogo. E acaso se eu disser
Eu te amo, nota quão transfigurada
 Em teu olhar me achei glorificada,
 Cônsua dos novos raios que iam ter
 Da minha face à tua. Nada é vil,
 Por baixo que o amor for: a pequenez
 Do ser que o ama Deus fará gentil.
 E o que ora *sinto*, sob esta incerteza
 Disto que eu *sou*, por si brotou e viu
 Que a obra do Amor reforça a Natureza.

16

Como és nobre porém, como é um rei,
 E que nisto por certo me dominas,
 Podes vencer o medo meu e apenas
 Cingir de cor meu coração que hei
 De ver crescer junto do teu lembrando
 Como tremia só. Ora, a conquista
 Bem será majestosa e finalista,
 Quer eleve ou rebaixe onde tem mando.
 O soldado vencido entrega a espada
 Ao que o ergue da ensanguentada lama.
 Enfim me dou, amado, à derrocada,
 Minha luta termina. Se me chamas
 Além, me altearei não degradada.
 Maior valor é o meu se amor tu somas.

37

Perdoa minha alma por formar
 Do divino poder que em ti se alteia
 Uma imagem composta só de areia,
 Que logo some e está sempre a mudar.

Thy sovranity, recoiling with a blow,
 Have forced my swimming brain to undergo
 Their doubt and dread, and blindly to forsake
 Thy purity of likeness and distort
 Thy worthiest love to a worthless counterfeit.
 As if a shipwrecked Pagan, safe in port,
 His guardian sea-god to commemorate,
 Should set a sculptured porpoise, gills a-snort
 And vibrant tail, within the temple-gate.

43

How do I love thee? Let me count the ways.
 I love thee to the depth and breadth and height
 My soul can reach, when feeling out of sight
 For the ends of Being and ideal Grace.
 I love thee to the level of everyday's
 Most quiet need, by sun and candlelight.
 I love thee freely, as men strive for Right;
 I love thee purely, as they turn from Praise.
 I love thee with the passion put to use
 In my old griefs, and with my childhood's faith.
 I love thee with a love I seemed to lose
 With my lost saints—I love thee with the breath,
 Smiles, tears, of all my life!—and, if God choose,
 I shall but love thee better after death.

44

Belovèd, thou hast brought me many flowers
 Plucked in the garden, all the summer through,
 And winter, and it seemed as if they grew
 In this close room, nor missed the sun and
 showers.
 So, in the like name of that love of ours,
 Take back these thoughts which here unfolded too,
 And which on warm and cold days I withdrew
 From my heart's ground. Indeed, those beds
 and bowers
 Be overgrown with bitter weeds and rue,
 And wait thy weeding; yet here's eglantine,
 Here's ivy!—take them, as I used to do
 Thy flowers, and keep them where they shall
 not pine.
 Instruct thine eyes to keep their colours true,
 And tell thy soul, their roots are left in mine.

Anos idos, distantes do teu mando
 E recuando a um golpe, aqui deixaram
 Essa dúvida e o horror que me fizeram
 A cabeça rodar, cega negando
 Tua pura feição. Eu distorcia
 Válido amor em mera imitação:
 Como se um náufrago pagão, que ia
 Com o deus do mar quitar a salvação,
 Desse um boto de pedra, mas que abria
 A boca em bafo e a cauda em vibração.

43

Como te amo? Deixa eu contar os modos.
 Te amo do fundo e da largura e altura
 A que a alma chega quando os fins procura
 Do ser, da Graça ideal, sumindo a todos.
 Eu te amo ao nível das necessidades
 Serenas, seja ao sol ou luz de vela.
 Livre te amo como quem luta pela
 Justiça; pura te amo sem vaidades.
 Te amo com a paixão que punha em uso
 Na dor; com a confiança de menina.
 De um amor te amo às vezes já confuso,
 Pois, quando perde, a mais se determina.
 Te amo rindo e chorando. E até me induzo
 A na morte te amar, se Deus designa.

44

Estas flores colhidas no jardim
 Que me trazias no verão, no inverno,
 Poderiam, no escuro quarto interno,
 Sem sol ou chuva ter crescido em mim.
 Em nome deste amor toma as ideias
 Que de igual modo aqui desabrocharam,
 Do coração provindo, e acompanharam
 Dias frios ou quentes. Estão cheias
 De ervas amargas, cardos e lamentos
 De que te incumbo. Juntas também vão
 Rosas silvestres. Dá-lhes tratamento
 Bom como eu dou às flores que me dão.
 Que a cor persista ao teu olhar atento.
 Das raízes, te lembra, eu sou o chão.

(release do livro: **Sonetos da portuguesa**,
 de **Elizabeth Barrett Browning**. autor do
 release: **Paulo Sabino**.)